

MAGALI MENDES DE MENEZES
CARLOS EDUARDO SPERB
ALESSANDRA DE OLIVEIRA PETRY
WAGNER MACHADO DA SILVA
OLÍVIA DE ANDRADE SOARES
(ORGANIZADORES)

DIREITOS

HUMANOS

EM DEBATE

educação e marcadores sociais da diferença

Copyright © Editora CirKula LTDA, 2019.
1º edição - 2019

Edição, Diagramação e Projeto Gráfico: Mauro Meirelles
Revisão e Normatização: Mauro Meirelles e Jeferson Mello Rocha
Transcrição dos áudios: Maria Petrucci
Fotos: Luis Ventura, Ana Letícia Meira Schweig, Sofia Pulgatti,
Carlos Eduardo Sperb, Paulo Josué Goulart da Silva
Capa: Luciana Hoppe e Carlos Eduardo Sperb
Impressão: Copiart
Comitê de Organizadores do Evento: Magali Mendes de Menezes,
Maria Aparecida Bergamaschi, Russel Teresinha Dutra da Rosa,
Rosângela Rodrigues Soares, Dagmar Estermann Meyer, Fernan-
do Seffner, Caroline Pacievitch, Karine dos Santos, Mariangela
Bairros, Leandro Rogério Pinheiro, Rita Camisolão, Suzi Webber
Tiragem: 300 exemplares impressos em dualtone e 700 para dis-
tribuição on-line.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D598 Direitos humanos em debate : educação e marcadores sociais da
diferença / Magali Mendes de Menezes ... [et al.] (orgs.). -
Porto Alegre: CirKula, 2019.
440 p.: il.

ISBN: 978-85-7150-018-1

1. Direitos humanos: educação. 2. Interculturalidade. 3. Povos
indígenas. 4. Socioeducação. 5. Arte. 6. Gênero. I. Título. II. Menezes,
Magali Mendes de. III. Sperb, Carlos Eduardo. IV. Petry, Alessandra
de Oliveira. V. Machado, Wagner. VI. Soares, Olívia de Andrade.

CDD 323.1

Bibliotecária responsável: Débora Jardim Jardim – CRB 10/1598

Editora CirKula
Av. Osvaldo Aranha, 522 - Loja 1 - Bomfim
Porto Alegre - RS - CEP: 90035-190
e-mail: editora@circula.com.br
Loja Virtual: www.livrariacirkula.com.br

DIREITO À CIDADE, JUVENTUDES E GÊNERO: UMA INTRODUÇÃO

Leandro Pinheiro

*Tenho costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes tinha visto,
E sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo comigo
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...*

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

A cidade é, sobremaneira, o espaço de nossas experiências na atualidade, não raro, entretanto, numa corrente de atribuições e instabilidades, opressões e opacidades em relação à vida urbana. Vemo-nos constrangidos pelos tempos sociais da produção e do consumo, que conformam nosso cotidiano desde o trânsito de um “palácio a outro”, como dizia Lefebvre (2001). Mais além, temos sido interpelados por dispositivos de gestão do medo e de interposição da violência que nos fazem evadir as ruas e assumir o “risco” como categoria de inteligibilidade no convívio citadino.

E há para quem, cotidiana e drasticamente, a cidade é um espaço de insuficiências e real chance de morte. Aqueles cujas escrituras na urbe são tentativas de ocupação das esquinas e praças, mas também táticas para circular em segurança nas vias de seus bairros. Com esses, talvez mais do que os sujeitos que habitam “palácios”, o território é intensa produção e reprodução do lugar; é agência para se fazer o habitar possível.

Contudo, uma vez mais com Lefebvre, é preciso manter a esperança e ter em conta que o Direito à Cidade é o direito a

uma vida urbana renovada. Se o urbano é potência, precisamos reconhecer os movimentos que podemos construir para que a urbe persista como lugar de criação coletiva, dialógica e solidária. Então, a imbricação com outros direitos sociais e humanos é patente. Nossas diversas lutas constituem a possibilidade de uma cidade experienciada rumo a uma fruição cidadina digna.

Os textos que seguem nos convocam a pensá-lo. Betânia Alfonsin traz marcos jurídicos e referentes políticos para que reconheçamos a cidade como direito e sua articulação com as demais reivindicações que postulamos. Já Mario Brum nos apresenta circunstâncias que recentemente perpassam a construção da cidade do Rio de Janeiro, caso emblemático das disputas mercadológicas na configuração da urbe, dada a realização de grandes eventos nas últimas décadas. Então, as favelas são os territórios da segmentação, da estigmatização e da violência mais ostensiva, mas também o palco da resistência e da busca de alternativas. E Shirlei Rezende Sales, por fim, conduz-nos para uma reflexão em novo eixo. Ao abordar a produção de subjetividades e sexualidades nas hibridizações da cibercultura, ela nos lembra do redimensionamento dos espaços sociais via mediação e argumenta por um olhar compreensivo das diferentes formas de existência.

Dessa forma, esse bloco de textos nos convida a assumirmos o compromisso pelo Direito à Cidade a partir da ação de sujeitos que lutam para significá-lo e, em seus movimentos, podem nos ajudar a tomar a urbe como virtualidade, ainda que em tempos sombrios. Ou, de outra maneira, a olhar novamente, para ver o que nunca antes tínhamos visto.